

CRÓNICA

Centro de Estudos de História Eclesiástica

De 3 a 11 de Setembro de 1955, celebrou-se em Roma o X Congresso Internacional das Ciências Históricas, no qual tomaram parte os professores portugueses Dr. Torquato de Sousa Soares, Dr.^a D. Virgínia Rau e Dr. António da Silva Rego, entre mais de 1.600 historiadores de todo o mundo. Em audiência concedida aos congressistas, proferiu o Santo Padre Pio XII um importante discurso em que, depois de falar da Igreja como facto histórico, tratou especialmente das relações entre a Igreja e o Estado, e entre a Igreja e a cultura.

Estes Congressos são promovidos pelo «Comité International des Sciences Historiques», dentro do qual existe uma Comissão Internacional que se chama de História Eclesiástica Comparada. Tem esta Comissão as suas subcomissões nacionais; à data do Congresso, estavam constituídas trinta, incluindo as da Rússia e países satélites. Alguns dos membros da Subcomissão portuguesa reuniram-se em Lisboa, a 24 de Novembro, para tomarem conhecimento das impressões do rev. Dr. A. da Silva Rego e verem o que seria possível fazer no sentido de desenvolver em Portugal os estudos de História Eclesiástica. Surgiu então a ideia da criação de um Centro de Estudos e fundação de uma Revista especializada, aberta a todos os investigadores, sem dependência da Subcomissão oficial.

Com autorização de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, convocou-se para o dia 5 de Janeiro de 1956 um encontro de estudiosos, sacerdotes ou leigos, a quem interessasse o projecto, a fim de se examinarem as possibilidades de o pôr em prática. Excedeu a expecta-

tiva o número de pessoas que assistiram a essa reunião, efectuada num dos salões anexos à igreja paroquial de S. Nicolau. Compareceram representantes de várias Ordens religiosas — Beneditinos, Franciscanos, Dominicanos, Capuchinhos, Companhia de Jesus, Congregação do Espírito Santo — e numerosos membros do Clero diocesano, entre os quais o rev. Dr. António Cardoso Cunha, que em breve seria eleito Bispo Auxiliar de Beja, o primeiro Prelado português formado em Roma em História Eclesiástica. Dos leigos, é de salientar a presença do ilustre Professor da Universidade de Coimbra Doutor Torquato Soares. Manifestaram o seu aplauso à iniciativa o Senhor Nuncio Apostólico, D. Fernando Cento, e quase todos os Prelados portugueses, e prestaram-lhe calorosa adesão, além de muitos investigadores, a maior parte dos professores de História dos nossos Seminários.

Para presidir à Comissão organizadora do Centro, foi então escolhido Mons. Miguel de Oliveira, que logo propôs lhe ficassem agregados os rev. Dr. Avelino de Jesus da Costa, Dr. António da Silva Rego e P.^o António Brásio. Para a Comissão de Redacção da Revista, agregaram-se ainda os revs. Dr. Bernardo Xavier Coutinho, professor do Seminário do Porto, e P.^o Mário Martins, da Companhia de Jesus.

No dia seguinte, Festa da Epifania, foram os membros da Comissão, com alguns dos assistentes, dar conta dos trabalhos ao Senhor Cardeal Patriarca. Mons. Miguel de Oliveira agradeceu a Sua Eminência o carinho com que se dignou patrocinar a ideia da fundação do Centro de Estudos de História Eclesiástica e expôs as resoluções tomadas na assembleia. Há um século que a Igreja, no nosso país, está sendo vítima da historiografia liberal, e já começa a ser alvejada pela de inspiração comunista. Importa não abandonar o campo aos seus adversários. Os iniciadores do Centro nada podiam nem queriam fazer à margem da Hierarquia, pois é da própria Igreja que vem a luz essencial para o estudo da sua história. Todos depunham os seus projectos, desejos, sonhos e até dificuldades nas mãos do Eminentíssimo Prelado, certos de que os compreenderia melhor do que ninguém, como alto Príncipe da Igreja e antigo Professor de História na Universidade de Coimbra.

Em resposta, D. Manuel Gonçalves Cerejeira disse que se congratulava com a fundação do Centro e julgava que também se deviam congratular Portugal e a Igreja. Era uma iniciativa prometedora, de há muito necessária. Portugal não pode compreender a sua história sem conhecer a história da Igreja. Infelizmente, estando a Igreja presente em todas as épocas da nossa história, desde a formação da alma nacional até à expan-

são portuguesa no mundo e à elevação da cultura em todos os aspectos, havia de reconhecer-se quanto são ainda deficientes os estudos da história da Igreja em Portugal. Por isso, agradecia e abençoava os serviços que o Centro havia de prestar à Igreja e à Nação, pelos trabalhos que realizasse e pelas novas vocações que poderia suscitar. Este dia da sua inauguração era, assim, de grande esperança para a cultura portuguesa.

LVSITANIA SACRA

Quer na reunião de S. Nicolau, quer em presença do Em.^{mo} Cardeal Patriarca, ponderou-se que a actividade do Centro de Estudos teria de ser muito restrita enquanto ele não estivesse anexo a um Instituto de cultura católica. Embora para muitos fosse considerado o mais difícil, ter-se-ia de começar pela publicação da Revista.

O título de *Lusitania Sacra*, indicado por Mons. Miguel de Oliveira, foi aprovado quase por unanimidade, em virtude da sua tradição. Effectivamente, já a Academia Real da História, fundada por D. João V em 8 de Dezembro de 1720, Festa da Imaculada Conceição, se propunha começar por escrever com esse título a história eclesiástica do reino. Afirmava então D. Manuel Caetano de Sousa:

«Não he a obra da *Lusitania Sacra* outra cousa senão huma illustração historica de todas as Igrejas de Portugal; e he gloria da Senhora que esta illustração se principie no dia, em que della se canta: *Cunctas illustrat Ecclesias*. Será o empenho da *Lusitania Sacra* illustrar as Igrejas Cathedraes deste Reyno, mas tudo redundará em gloria da mesma Senhora, a quem todas ellas são dedicadas».

Simple agrupamento de estudiosos de boa vontade, o Centro de Estudos pode ressuscitar o título da Obra, colocando-se no espírito dos fundadores da Academia, embora lhes não receba em herança nem a erudição nem os recursos materiais.

É esse também o título de uma grande colecção de trabalhos do P.^e António Pereira de Figueiredo, que se conserva inédita na biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Abrange quatro volumes, que vão de 500 a 700 fólhos, e ostenta na portada estes dizeres:

LUSITANIA SACRA/ Isto he/ Antigo, Moderno, Novissimo,/ e Actual Estado da Igreja/ de Portugal, em quanto/ ás Origens, Numero, e Di-/visões dos Bispados.

Obra dividida em Quatro/ Partes, em que tãobem se/ dá huã exacta Noticia das Colle-/giadas Insignes deste Reino, e/ do tempo em que cada huã/ das Ordens e Congregações Reli-/giasas entraraõ nelle.

Por Antonio Pereira de/Figueiredo,

Deputado da Real Meza/ da Comissão Geral sobre/ o Exame e Censura dos Livros.

Não sabemos se esta Revista chegará a reunir trabalhos que possam competir em extensão com a obra de Pereira de Figueiredo. Bem pode acontecer que, vindo ela tão tarde, apareça ainda demasiado cedo. No entanto, representa já algum progresso não ter ficado inédito o primeiro tomo.

O *crísmo* do frontispício e da capa figura na parte central de uma linda peça de cerâmica páleo-cristã que se conserva no Museu do Carmulo — um ladrilho do séc. IV com a seguinte inscrição: BRACARI VIVAS CVM TVIS. Ao Sr. Dr. Abel de Lacerda, ilustre Director daquele Museu, agradecemos o ter autorizado a sua reprodução.

Da orientação de *Lusitania Sacra* não há mais que dizer. O monograma de Cristo e a Cruz de Cristo — verdade e luz — são os dois símbolos que lhe apontam o ideal, balizam o caminho e definem o programa.